

A história da hotelaria na cidade de Campo Grande/MS

Cíntia Fonseca de Oliveira*
Heloísa Bogalho Ferreira*
Mariana Santos Sartorelo*
Norma Rejane Ribas**

Resumo: O presente trabalho se preocupou em resgatar a história da hotelaria na cidade de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul, descrevendo detalhes da estrutura física, forma de atendimento, perfil dos hóspedes e particularidades dos seus precursores. A pesquisa caracterizou-se como histórica ao campo, com dados qualitativos, fundamentada em fontes primárias e secundárias. Como problema de pesquisa fez-se o seguinte questionamento: como se deu o desenvolvimento da hotelaria na cidade de Campo Grande/MS? E como questão norteadora, a idéia de que a hotelaria teve seu início com as pensões e que algumas pensões transformar-se-iam em hotéis ao longo dos anos. Como objetivo geral, buscou-se relatar a evolução da hotelaria junto ao desenvolvimento da cidade de Campo Grande, bem como as pensões e hotéis mais conhecidos nas primeiras décadas do século XX. E como objetivo específico, descrever as pensões e hotéis, sua infraestrutura e tipo de hóspedes que as freqüentavam. Ao contar a história, partiu-se de documentos disponibilizados em bibliotecas, museu, na Arca, jornais, livros, revistas e depoimentos de sete moradores antigos e também pesquisadores da história da cidade de Campo Grande. Como instrumentos de coleta de informações, optou-se por entrevistas com questões estruturadas e semi-estruturadas. Conclui-se que o desenvolvimento da hotelaria se deu em consonância com os fatores que contribuíram para o crescimento da cidade.

Palavras-chave: 1. Hotéis; 2. Pensões; 3. Desenvolvimento.

Abstract: The study in hand presents information on the development of hotels in Campo Grande, the capital of South Mato Grosso state. It describes the first guest houses and hotels, their guests, owners and the physical structures of these building. The main question the research seeks to answer is: How did the hotel business develop in Campo Grande? Information was obtained from libraries, the *Correio do Estado* newspaper, *Arca* magazine and history books. This study is based on interviews with six people who are knowledgeable of the history of Campo Grande.

Key words: 1. Hotels; 2. Guest houses; 3. Development.

* Bacharéis em Turismo pela Universidade Católica Dom Bosco.

** Professora Mestra Norma Rejane Ribas

Introdução

O turismo é fenômeno social complexo e diversificado. Há, no entanto, alguns elementos que o caracterizam, como por exemplo o tempo de permanência que o turista fica no local visitado, o caráter não lucrativo da visita e a procura do prazer por livre e espontânea vontade por parte do turista.

A atividade turística para se desenvolver em determinada localidade necessita da junção de vários setores produtivos de bens e serviços relacionados às áreas de alimentação, recreação, hospedagem e meio de transporte. Dentre essas áreas, o presente trabalho destacou a hospedagem, ressaltando a hotelaria como um componente fundamental da “infra-estrutura turística”.

Por infra-estrutura entende-se a base material, o conjunto de edificações, obras e serviços públicos que garantem o mínimo conforto da vida urbana. Por sua vez, a infra-estrutura turística é composta de equipamentos turísticos que visam dar apoio aos turistas.

A empresa hoteleira constitui um dos suportes básicos para o desenvolvimento turístico de um país. É justamente por isso que se fez necessária a realização deste trabalho, relatando a evolução da hotelaria no crescimento da cidade de Campo Grande.

A presente monografia está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo trata da metodologia operacional, contemplando os procedimentos utilizados na obtenção de informações para a resolução do problema apresentado; o segundo capítulo descreve a origem e o desenvolvimento da Hotelaria, bem como, sua classificação. Por fim, o terceiro capítulo relata o surgimento da Vila de Santo Antônio de Campo Grande juntamente com a origem das pensões e hotéis.

2. Turismo e hotelaria

Definir específica e precisamente a atividade turística é uma tarefa muito difícil. No entanto, não há discordância quando se caracteriza o turismo como uma atividade socioeconômica, geradora de bens e serviços, que tem como objetivo satisfazer o homem em suas necessidades básicas e secundárias. O turismo só se realiza mediante alguns com-

ponentes fundamentais, como: transporte, alojamento, alimentação e, dependendo da motivação, o entretenimento (LAGE e MILONE, 2000).

Apesar da complexa estrutura do fenômeno turismo, alguns autores o definem. Por exemplo, segundo Andrade (1998, p.38) “o turismo é o conjunto de serviços que tem por objetivo o planejamento, a promoção e a execução de viagens, e os serviços de recepção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e aos grupos, fora de suas residências habituais”. Por outro lado, Mathieson e Wall (1990, p. 62) entendem o turismo como sendo o “movimento temporário de pessoas para locais de destinos distintos de seus lugares de trabalho e de morada; incluindo também as atividades exercidas durante a permanência desses viajantes nos locais de destino e as facilidades para promover suas necessidades”.

Independente de conceitos, o que se observa do turismo atual é a existência de uma rica e grandiosa indústria que se relaciona com todos os setores da economia mundial e que deverá continuar a crescer e atender aos interesses da humanidade nos próximos milênios.

Dentre os principais elementos que são fundamentais para a realização da atividade turística, dá-se destaque à hotelaria, em que Castelli (2000, p. 37) ressalta que a indústria hoteleira “não pode ser considerada como uma atividade marginal, mas como um elemento de grande significado dentro de uma estratégia e de uma política do desenvolvimento turístico de uma região ou país”.

A hotelaria é o segmento de maior destaque da indústria do turismo. Esta se sobressai pelo seu efeito multiplicador de renda, gera muitos empregos diretos e indiretos, aumentando, conseqüentemente, as contribuições previdenciárias e o desenvolvimento da localidade.

Ao mesmo tempo em que a hotelaria cresce, a sua procura também aumenta e, para conquistar o turista, se faz necessário satisfazer as necessidades e exigências deste consumidor, oferecendo-lhe serviços de primeira qualidade. Andrade (1998) afirma que o hotel é uma extensão ou substituto da residência que os viajantes deixaram, mas que pretendem retornar após terem cumprido os seus objetivos de viagem.

Efetivamente, não existe, hoje em dia, desenvolvimento turístico, comercial ou industrial sem uma hotelaria forte, tanto em seus

aspectos de confortabilidade como naqueles referentes à qualidade dos serviços, através de uma mão-de-obra especializada.

3. Pesquisa

A ausência de estudos sobre o surgimento e evolução da hotelaria na cidade de Campo Grande, fez aumentar a necessidade de se realizar esta monografia, tendo o intuito de contribuir com o conhecimento da área e de responder ao seguinte problema de pesquisa: como se desenvolveu a hotelaria na cidade de Campo Grande/MS?

De forma a responder a pergunta que serviu de base a esta monografia, tem-se como questão norteadora a idéia de que a hotelaria teve seu início com as pensões, e que algumas pensões transformar-se-iam em hotéis ao longo do tempo. Há testemunhos de que os hóspedes eram fazendeiros, mudanceiros e que com a chegada da ferrovia, a movimentação nestes estabelecimentos aumentou rapidamente, necessitando de melhorias nos aspectos quantitativo e qualitativo em relação aos serviços oferecidos.

O levantamento de dados realizado para este trabalho teve como objetivo geral relatar a evolução da hotelaria junto ao desenvolvimento na cidade de Campo Grande, bem como das pensões e hotéis mais conhecidos nas primeiras décadas do século XX. Como objetivo específico, descrever como eram as pensões e hotéis, sua infra-estrutura e o tipo de hóspedes que as freqüentavam.

Quanto à delimitação geográfica, a área abrangida constituiu-se pelas pensões e hotéis situados na atual cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul. Foram alvo de estudo para a realização dessa pesquisa as pensões: Bentinho e Pimentel e os hotéis: Democrata, Globo, Colombo, Central, Gaspar e Americano, datados das primeiras décadas do século XX.

Esta monografia caracteriza-se como pesquisa histórica, ao campo, com dados qualitativos e durante o seu processo de construção pesquisou-se em fontes primárias e secundárias.

A coleta de dados foi feita através de material bibliográfico e documental, disponíveis nos seguintes órgãos: Arquivo Histórico de Campo Grande – ARCA; Biblioteca Pública Municipal Professora

Ana Luiza Prado Bastos; Biblioteca Padre Félix Zavattaro, da Universidade Católica Dom Bosco; Biblioteca particular da família Contar; Academia Sul-Mato-Grossense de Letras; Museu de Imagem e Som – MIS; Fundação Barbosa Rodrigues, bem como, em edições do jornal “Correio do Estado” e sete edições da revista Arca.

Outros dados foram coletados por meio de entrevistas com questões fechadas e abertas, que tiveram como critério de escolha, antigos moradores e/ou com aqueles que conhecem a história da cidade, dos hotéis e pensões. Foram seis entrevistas gravadas no mês de setembro. Nas entrevistas, questionou-se sobre o motivo que levou as famílias dos entrevistados a virem para a cidade de Campo Grande, o aspecto da cidade e da população naquela época, assim como das pensões e hotéis.

Essas entrevistas foram significativas, visto que houve dificuldades em encontrar bibliografia e registros das pensões e hotéis do século passado.

A análise dos dados coletados foi feita através dos seguintes procedimentos: transcrição de entrevistas realizadas; interpretação do material estudado, no sentido de relatar o surgimento da hotelaria e sua contribuição ao desenvolvimento da cidade de Campo Grande.

4. Desenvolvimento da hotelaria

O desenvolvimento de Campo Grande, juntamente com a indústria hoteleira, teve a contribuição de alguns fatores que foram fundamentais para a formação socioeconômica da cidade.

Por volta de 1880, só havia oito casas na Vila de Santo Antônio de Campo Grande. As pessoas que por aqui passavam, não tendo lugar para se hospedar, montavam acampamentos e dormiam em barracas ou nos seus próprios carros de bois. Com o passar do tempo, aumentando o número de casas, os viajantes quando chegavam na vila se hospedavam em casas de parentes ou de amigos.

A chácara da dona Ana Novais, onde hoje é o Colégio Oswaldo Cruz, segundo Machado (1990), foi o primeiro local a receber os mudan-ceiros¹, que ali se instalavam devido à proximidade do Córrego Segredo, que servia tanto para o gado beber água como para as pessoas tomarem

banho e a extensão do pátio, onde os carros de boi eram estacionados.

Outro fator que contribuiu para o desenvolvimento hoteleiro, foi a chegada da estrada Manuel da Costa Lima, em 1906. A abertura desta estrada facilitou as viagens das grandes comitivas de gado que vinham para cá, comprar e vender seus gados.

Em 1914, com a chegada da estrada de ferro Noroeste do Brasil, os hotéis migraram para as proximidades da estação ferroviária, hospedando os passageiros que chegavam de viagem das diversas localidades.

A construção dos quartéis fez com que houvesse um grande crescimento populacional e conseqüentemente de edificações comerciais, residências de fazendeiros e armazéns. Com a sede da Circunscrição Militar e do diretório da Companhia Noroeste do Brasil, Campo Grande assistiu, gradativamente, ao crescimento populacional e a hotelaria evoluiu, surgindo hotéis maiores e mais sofisticados.

Com a construção da rodoviária na década de 1960, os hotéis foram sendo construídos ao seu redor.

Atualmente Campo Grande dispõe de 62 hotéis e 2 pousadas. Dando um total de 4.714 leitos e 2.386 quartos, segundo dados pesquisados pelo Plano de Desenvolvimento Turístico Sustentável de Mato Grosso do Sul - PDTUR. Dentre esses hotéis, 44 estão cadastrados na Associação Brasileira da Indústria de Hotéis - ABIH Nacional, responsável pela classificação hoteleira juntamente com a Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR.

O hotel mais recente é o Brumado, localizado na Avenida Afonso Pena, com 57 quartos e 137 leitos. Os hotéis que mais se destacam, por sua qualidade e serviços oferecidos, são o Novotel, localizado na Avenida Mato Grosso e o Jandaia, na rua Treze de Maio com a rua Barão de Rio Branco, ambos são elevados à categoria de quatro estrelas.

Os principais hotéis ficam em pontos estratégicos da cidade, como, por exemplo, perto de centros de convenções, no caminho do aeroporto e no centro comercial. Embora a cidade encontre-se em grande desenvolvimento ainda se recente de um maior número de hotéis capacitados a oferecer serviços de excelente qualidade tendo em vista que a cidade não possui nenhum hotel de categoria *cinco estrelas e cinco estrelas plus*.

5. Primeiras pensões e hotéis

As histórias que se seguem não podem ser classificadas como relatos sistematizados de fatos passados, mas sim “questão de versões” em que não há um critério cronológico rigoroso no desenrolar dos relatos orais descritos. Apenas busca situar os fatos, tanto quanto possível, em uma cronologia, que às vezes, poderá suscitar conflito de datas e idéias nas narrativas.

Então, pode-se perguntar: para que e para quem servirá esse trabalho? Responde-se: para uns servirá apenas de recordação ou conhecimento de fatos e acontecimentos das coisas da nossa terra; para outros, um aprendizado e motivação para novos estudos sobre o assunto.

Não tomem, portanto, os que derem a honra da leitura desta monografia, como um relato totalmente histórico, na acepção da palavra, o seu conteúdo, e muito menos, como historiadoras, as autoras deste trabalho.

1. Hotel Democrata

Consta nos registros da época que um fazendeiro de Coxim², de origem portuguesa, chamado Manuel Joaquim de Carvalho, veio morar na Vila de Santo Antônio do Campo Grande, para exercer o cargo de Juiz de Paz. Ele notou um fluxo de pessoas que passavam pela vila em busca da comercialização do gado bovino, percebendo então a necessidade de um estabelecimento para o repouso desses viajantes. Sendo assim, ele construiu o Hotel Democrata, tornando-se o precursor da história da hotelaria em Campo Grande.

Não se sabe ao certo o ano de fundação do referido hotel, pois algumas fontes consta que o ano de sua construção foi por volta de 1899 e outras o ano de 1912. Nesta época existiam pouco mais de 500 pessoas na vila.

Este hotel foi fixado na Rua do Padre número 22, a princípio era de madeira e mais tarde passou a ser de alvenaria, não tendo registro da cor da fachada. De acordo com relatos, seu interior era escuro, baixo, com escada de tábua e quartos pequenos. Segundo a professora Lígia Carriço, esta rua hoje é a travessa Lídia Baís, ficando entre a rua Calógeras e a rua 15 de Novembro, onde se localiza a Igreja Santo Antônio. Com o decorrer dos anos, este hotel foi desativado, tornan-

do-se residência do senhor Salustiano da Costa Lima, que dizia ser esta uma casa mal-assombrada. Posteriormente, transformou-se no “54º Batalhão de Caçadores”³ e após alguns anos foi reativado como “Alvorada”. Na década de 1980, o edifício foi demolido e hoje, como mostra a figura, é uma residência.

2. Pensão Ennes

Nos primeiros dez anos do século XX, a “Dona Senhorinha” ergueu a pensão “ENNES”. Um casarão que se estendia na atual Avenida Calógeras até o Córrego Segredo.

3. Pensão Bentinho

Por volta de 1912, foi inaugurada a Pensão Bentinho, cujo proprietário era seu Bento Gomes Benjamim e sua esposa, a senhora Jerônima Paes. A pensão ficava onde hoje é a esquina da rua Rui Barbosa com Barão de Melgaço. Ela ficava bem em frente à praça Costa Marques, onde eram estacionados os carros de boi. A casa foi adaptada para ser utilizada como pensão, o Sr. Bentinho aumentou a construção, que passou a dispor de um grande salão e 14 quartos, com um corredor no centro.

Ao lado da casa havia um imenso pé de jamelão que dava sombra aos hóspedes que ali se reuniam para tranqüilas conversas nas rodas de chimarrão. A educação e simpatia do casal, o aluguel de pasto para os animais que transportavam os hóspedes e a comida deliciosa, fazia com que a casa estivesse sempre cheia. Hóspedes de outros estabelecimentos faziam questão de ir até o Bentinho para fazer suas refeições. Dentre seus hóspedes mais famosos destacam-se: Autonomista (fazendeiro e primeiro divisionista do sul de Mato Grosso), Inocêncio Setti (proprietário da primeira fábrica de laticínios do Estado) entre outros.

No ano de 1926, a pensão foi invadida por alguns revoltosos da Revolução Constitucionalista que acontecia em Mato Grosso. Em decorrência da morte trágica do seu Bentinho, que se matou sem razões aparentes, em 1929, dona Jerônima assumiu sozinha a direção do estabelecimento, implantando um sistema de cobrança que assegurava o pagamento das despesas de hospedagem, retendo os cavalos dos hóspedes até que este fosse efetivado. Para tanto, dona Jenônima fazia uma exigência: os hóspedes deveriam levar um cavalo, “se não tem

cavalo, não tem quartos”. Com as responsabilidades acrescidas, em decorrência da morte do marido, dona Jerônima ficou “ranzinza”, e com a chegada de hóspedes, retrucava para os mais íntimos: “além de dar lugar pra esse povo dormi, ainda tem que troca as lençola todo o dia”⁴.

Machado (2000, p. 119) relata que, certa vez, chegou um gaúcho de carro e estacionou em frente à pensão, dona Jerônima não deixou o senhor se hospedar, o gaúcho então comprou um cavalo para satisfazer a exigência da senhora. O referido autor descreve outro episódio envolvendo Otacílio Batista, o mais temido dos “*Baianinhos*”⁵, que também se hospedou na pensão e passou no teste do cavalo sem reclamar.

Pelo exposto, constata-se que dona Jerônima não era severa com o tipo de hóspede que recebia, desde que o mesmo cumprisse as exigências.

Com o passar do tempo, a Pensão Bentinho foi sendo superada por novos hotéis de maior porte, como o Hotel do Globo, o Colombo e o Rio Hotel. Dona Jerônima não perdeu, no entanto, seus clientes assíduos do famoso “bife na chapa”.

Atualmente nesse local se encontra um estabelecimento comercial.

4 - Hotel do Globo

Em 1912, o sírio, Júlio Maluf, construiu o Hotel do Globo, que se encontrava na atual esquina da rua Treze de Maio com a Avenida Afonso Pena. Após três anos, o prédio foi adquirido pelos irmãos Suarez (Henrique e Delfino) e totalmente reformado pelo construtor italiano Emílio Rossi, um construtor e frentista⁶, vindo especialmente de São Paulo.

Rossi era um desses frentistas que enfeitou o prédio como descreve Paulo Coelho Machado em seu livro *A Grande Avenida*, dizendo:

[...] o prédio do hotel tinha bem na esquina duas águias, à semelhança do Palácio do Catete, dois triângulos na cimalha, um globo no centro de cada lado da casa. Em cima, outros enfeites. As janelas e portas eram envidraçadas em pequenos quadriláteros. O salão de refeições ficava na frente e os quartos nos fundos, dando para um grande corredor. O piso de mosaico hidráulico colorido (2000, p. 232-233).

O Hotel do Globo, era a mais confortável hospedaria da Vila de

Santo Antônio do Campo Grande, sendo visitada por boiadeiros, fazendeiros, políticos e homens de negócio. Um dos brilhantes hóspedes que passou por esse hotel foi o Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, que mais tarde chegou a ser intendente de Campo Grande e governador do Estado de Mato Grosso, de 1947-1950.

Como na pequena vila todos se conheciam e necessitavam de um ponto de encontro, o Hotel do Globo exerceu esta função, servindo de ponto de reuniões políticas e sociais.

Com o passar dos anos, outros estabelecimentos foram surgindo e o Hotel do Globo foi perdendo sua importância social e política. Nos anos de 1960, com a morte dos irmãos Suarez, o hotel foi arrendado e depois vendido. O prédio foi demolido, em 1980 e hoje se encontra no local a agência do Banco do Brasil. Com a demolição do hotel, no dizer de Machado (2000, p. 234) “ruíram muitas lembranças da antiga cidade”.

5. Hotel Central

Um outro hotel que merece destaque em nossa pesquisa é o Hotel Central que segundo uma das proprietárias, a senhora Neide, foi construído no início do século passado, na esquina da rua 13 de Maio com a 15 de Novembro. No salão, que ficava na frente do hotel, aconteciam as “domingueiras”, o ponto de encontro da sociedade. A maioria de seus hóspedes vinha de Anhanduí.

Dona Neide narrou em sua entrevista uma peculiaridade que mereceu ser destacada: que no corredor do hotel existiam muitos guarda-roupas onde os fazendeiros guardavam ternos ou roupas sociais que eram utilizadas somente nas suas andanças pela cidade, estas roupas jamais eram levadas para a fazenda, sendo lavadas e passadas pelos funcionários do hotel.

Como a estrutura física do hotel era muito grande, após a sua extinção, este prédio foi dividido para o funcionamento de uma farmácia, de uma barbearia e de um pensionato.

6. Pensão Pimentel

O prédio da Pensão Pimentel foi construído pelo engenheiro Pandiá Calógeras, em um período de cinco anos, entre 1913 e 1918,

para ser a residência do então prefeito Bernardo Franco Baís. Foi o primeiro sobrado na Avenida Afonso Pena e o segundo da cidade.

Arruda (2000) cita como era a arquitetura desse prédio, considerado arrojado para época, “o imóvel de estilo neoclássico, tem fachada harmoniosa em dois pavimentos e seus dois corpos simétricos são ligados internamente por uma varanda. As janelas e as portas possuem arco pleno e, no pavimento térreo, contam com bandeiras fixas trabalhadas em ferro”.

Bernardo Franco Baís solicitou ao engenheiro da NOB (Noroeste do Brasil) que colocasse a estrada de ferro em frente à sua casa, já que no traçado original não era previsto este trajeto. A exigência foi atendida e, por ironia do destino, Bernardo Franco Baís, aos 77 anos de idade e com problemas de audição, foi atropelado por uma locomotiva da NOB que seguia para São Paulo, quando atravessava os trilhos perto da passagem de nível da rua 15 de novembro, em direção às casas dos filhos, falecendo no dia seguinte.

Esse 1938, os Baís alugaram o prédio para Deocleciano Pimentel que ali estabeleceu seu comércio hoteleiro até 1954. A partir de então, o imóvel passou a ser conhecido como “Pensão Pimentel”.

Este edifício foi tombado oficialmente como Patrimônio Histórico e Cultural de Campo Grande, em 1993.

Atualmente, é chamado de Morada dos Baís, um ponto turístico da cidade, onde funcionam o Convention Bureau e o balcão de informação turística, tendo também um espaço permanente para exposições de artes, espetáculos musicais, entre outros eventos.

7. Hotel Americano

O Hotel Americano foi o primeiro edifício de três pavimentos de Campo Grande. Foi construído, primeiramente, com o objetivo de abrigar escritórios e lojas. Porém logo que terminou a construção em 1939, foi alugado para funcionamento de um hotel.

Projetado pelo arquiteto Frederico João Urllass e edificado pelo construtor português, Manoel Rosa, o Hotel Americano tem o nome de Edifício José Abrão, seu proprietário.

Era o maior e o mais elegante prédio da cidade, de acordo com os jornais da época. Ocupando todo o terreno, no andar térreo estão 2 moradias e 3 lojas, sendo a esquina a maior delas, por ser mais valorizada. Nos dois andares superiores, quartos com lavatórios preparados para funcionamento de um hotel. A localização do edifício, esquina da rua 14 de Julho com a rua Cândido Mariano, permitiu a implantação de uma pequena sacada no primeiro pavimento e outra menor no segundo pavimento que valorizavam a implantação e os elementos de arquitetura do edifício. Segundo Arruda o revestimento externo, em pó de mica avermelhada, vinha da região de Porto Murtinho, fronteira do Estado com o Paraguai.

O Hotel Americano que oferece os seus serviços até hoje, sob a gerência da Sr. Alaíde de Sá B. Pereira, possui vinte e nove quartos, com lavatório, porém nem todos são alugados. A proprietária e dois funcionários vivem no hotel, assim como um hóspede já há cinco anos mora no estabelecimento.

8. Hotel Colúmbia

No início da década de 30, surgiu um sobrado onde funcionava o Hotel Colúmbia, na Avenida Afonso Pena, entre a Calógeras e a 14 de Julho. O Sr. Raul Barbosa e a Sr^a. Nadir eram os responsáveis pelo estabelecimento. Do outro lado da avenida existia o Hotel Sul-América, tendo como proprietário do prédio o Sr^a. Calarge e como locatário Deoclécio Pimentel, que na década de 30, fez deste edifício um belo hotel.

9. Hotel Gaspar

Inaugurou-se na cidade, no dia 26 de agosto de 1954, o primeiro grande hotel do Estado, o Hotel Gaspar. Previa-se uma grande festa, mas com o suicídio de Getúlio Vargas, dois dias antes, a festa foi cancelada. Houve a benção do prédio e a entronização de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima que Gaspar tinha mandado trazer de Portugal e até hoje está no “hall” do hotel, recorda a senhora Mariana Gaspar, esposa do proprietário.

Antônio Gaspar mergulhou no ramo da hotelaria, quando a época ainda era de grande fartura. Feijoadas, peixoadas, bacalhoadas,

saladas diversas e incrementadas sopas faziam parte do menu do grande Hotel Gaspar.

Tendo como vizinhos a estação ferroviária, à frente e a rodoviária, ao lado – no próprio corpo do hotel – o intenso fluxo de viajantes não cessava.

O movimento no hotel era muito grande. Além da Estação Ferroviária, havia linha de ônibus que fazia embarque e desembarque na calçada do hotel (Mariana Gaspar).

O engenheiro responsável pela obra foi Joaquim Theodoro de Farias. Como proprietário, Gaspar trabalhou muito, diz dona Mariana, “na construção das lajes ele mandava vir do Bar Lusitano um barril de chope e tabuleiros de pão com bife para estimular os trabalhadores, pois a laje deveria ser iniciada e terminada no mesmo dia”.

Mantendo sua característica original – mesma pintura, mesmo formato de janela, sacadas – o hotel, situado na esquina da rua Calógeras com a Avenida Mato Grosso, faz parte da história da cidade. Os áureos tempos de fartura acabaram. Os pratos sofisticados deram lugar ao tradicional café da manhã.

A única alteração da planta original foi a construção de banheiros nos quartos, que os transformaram em apartamentos.

Por duas vezes arrendado depois da morte do proprietário, hoje a casa é novamente administrada pela família Gaspar.

Com cinco pavimentos e 85 apartamentos que variam de tamanho, para um, dois, três e quatro hóspedes, o hotel viveu seu auge nas duas primeiras décadas, sendo que por volta de 1972, com a construção de novo terminal em outro lugar, o intenso vai e vem diminuiu bastante.

O hotel recebeu alguns ilustres hóspedes, como o ex-presidente Jânio Quadros, os famosos cantores Ângela Maria e Cauby Peixoto, o advogado do diabo, Leopoldo Heitor e até o general Emílio Garrastazu Médici saboreou os pratos do hotel e ouviu as histórias contadas por Antônio Gaspar.

Em suas lembranças, a proprietária do hotel se deteve num antigo hóspede, cujo contato se mantém até hoje. Trata-se do desembar-

gador do Tribunal de Justiça, Carlos Stephanini, que recém-chegado de Itapira, interior de São Paulo, em janeiro de 1964, passou seis anos morando no hotel.

“Saí de lá para casar em doze de julho de 1970 e os meus padrinhos de casamento foram Antônio e Mariana. A qualquer hora que chegasse o viajante, inclusive à noite, a cozinha do hotel era imediatamente acionada lançando à mesa um variado cardápio. Até hoje sinto saudades da bacalhoadada de Gaspar, a melhor que já degustei em minha vida. No saguão do hotel desfilavam pilotos, aeromoças, comissárias de bordo, enfim, o corpo efetivo das companhias aéreas da época. O entra e sai daquele pessoal uniformizado embelezava o local”, relembra o desembargador.

10. Hotel Colombo

A princípio na rua 14 de Julho e posteriormente transferido para a rua Dom Aquino, localizava-se um dos mais importantes e imponentes hotéis de Campo Grande, o Hotel Colombo, construído em 1935. Com seus dós pavimentos e sacada na parte superior, foi uma das mais importantes obras urbanas construídas pela empresa Thomé & Irmãos, de acordo com Arruda (2000, p. 37).

Segundo relato de uma entrevistada, era o hotel mais chique da época, com tapete vermelho, escadaria de mármore, toalha de linho irlandês e cristal da Boêmia. Seu proprietário era o Sr. Emílio Giugni.

11. Hotel Campo Grande

O Campo Grande inaugurado em 1966, era um hotel arrojado para sua época, devido à sua infra-estrutura. Foi por muito tempo o maior hotel da cidade, servindo de ponto referência para os próximos hotéis de grande porte. O prédio possuía 13 andares, além de térreo com sobreloja, um subsolo e uma cobertura com casa de máquinas e reservatórios. Localizava-se na rua 13 de Maio, número 2.825, no edifício Laucídio Coelho.

A área construída do Hotel Campo Grande era de 8.156,10 m², seu subsolo era composto de garagem com rampa de acesso, almoxarifado, escritórios auxiliares, cozinha, banheiros, vestiários, lavanderias, casa de força, frigorífico e depósitos. O térreo por sua vez

possuía restaurante, hall, recepção, entrada do hotel, jardim e lobby. Havia na sobreloja salão de estar, bar e escritórios de administração. O hotel dispunha de 82 apartamentos e 4 suítes.

12. Hotel Concord

O grupo Anache & Youssef Ltda., inaugurou o luxuoso hotel de categoria internacional, o Hotel Concord, no dia 16 de novembro de 1977. Possuía 72 apartamentos e 12 suítes, todos acarpetados, com ar condicionado central regulável, ducha, TV à cores e telefone. O Concord oferece a seus hóspedes os seguintes serviços: piscina, sauna, american bar, restaurante, salão de beleza, barbearia, estacionamento privativo e lavanderia. A decoração dos ambientes foi feita com apurado bom gosto e um corpo de funcionários altamente especializado sob a orientação do Araés El Daher.

Além dessas pensões e hotéis de destaque, havia segundo relatos orais, outras pensões de menor porte, sobre as quais não foram encontradas maiores informações. Dentre elas citam-se: pensão Santa Maria, em frente à praça Costa Marques; pensão Giordano, na rua 14 de julho, que, em 1918, era propriedade de um casal de italianos, Sr. João Giordano e a Sr.^a Ipótela, que vieram para cá com a construção da ferrovia.

Hotel São Paulo, construído na década de 1920, na rua 14 de Julho, teve como proprietários descendentes de escravos, como recorda a Sr.^a Lygia: “eram pessoas humildes e muito gentis”.

Na esquina da rua Rui Barbosa com a 15 de Novembro, havia um casarão de madeira, com um porão habitável, era a Pensão Taveira. Datada da década de 1920.

Surgiram vários hotéis, na segunda década do século XX, como por exemplo: Hotel Rezende, localizado na rua General Melo; Hotel Antônio Carlos Martins, que ocupava a frente do edifício onde funcionava o Instituto Pestalozzi, na esquina das atuais ruas 14 de Julho e avenida Mato Grosso. Hoje neste edifício funciona parte do Colégio Dom Bosco.

Hotel Garcia, teve como proprietário Antônio Garcia, natural de Três Lagoas. Este estabelecimento situava-se na avenida Calógeras.

O prédio foi demolido e hoje nele se encontra o estacionamento do Hotel Gaspar.

A Pensão Santa Helena, funcionava no edifício do Sr. Antônio Salomão Nahar, porém quem a gerenciava era Domingos Gonçalves Gomes, na década de 1930. Hoje neste prédio se encontra o banco Bradesco.

Neste mesmo período surgiram as pensões Mato-Grossense, cujos donos eram Joaquim Ferreira Nucas e sua esposa Dona Senhorinha, e pensão Ludovina, pertencente à Sr.^a Ludovina Garcia Nogueira. Seus hóspedes eram, na maioria, famílias e fazendeiros.

Considerações finais

Sem desconsiderar os determinantes econômicos que interferem no desenvolvimento do turismo, o referido trabalho se ateve ao resgate histórico da hotelaria, tendo como fontes documentos e relatos dos personagens que viveram e vivem na cidade de Campo Grande.

A necessidade de acolher viajantes que procediam de diversas regiões, buscando novas oportunidades de negócios, proporcionou o surgimento dos primeiros meios de hospedagem.

Características como: clima agradável, solo fértil e adequado para a criação de gado, água abundante e principalmente a posição estratégica, pois se encontra entre os grandes centros e perto dos países fronteiriços, contribuíram para o progresso da então cidade de Campo Grande. Devido a essas facilidades, as pessoas que aqui passavam, acabavam se fixando nestas terras.

Conclui-se que o desenvolvimento da hotelaria se deu em consonância com os fatores que contribuíram para o crescimento da cidade que foram: a chegada das comitivas procedentes do “triângulo mineiro” que vinham para cá comercializar o gado bovino, a construção da estrada boiadeira Manoel da Costa Lima que diminuiu o percurso, facilitando o acesso à então Vila de Santo Antônio do Campo Grande, a instalação da ferrovia Noroeste do Brasil, a transferência da circunscrição militar sediada em Corumbá e a instalação da rodoviária.

Embora não encontrando um vasto acervo bibliográfico, esta pesquisa teve a contribuição significativa das pessoas que em suas entrevistas narraram detalhes e curiosidades que foram fundamentais para o enriquecimento deste trabalho. Essas pessoas foram testemunhas da história da hotelaria em Campo Grande, mostrando uma forma muito pessoal de interpretar e descrever os fatos passados.

Enquanto acadêmicas do Curso de Turismo, a pesquisa torna-se relevante por disponibilizar à área, informações importantes da hotelaria e sua evolução e como sugestão, pode se ressaltar maior interesse no que diz respeito às questões históricas desta cidade.

Mesmo que tenha sido constatada uma importante evolução, ainda se fazem necessárias melhorias na rede hoteleira, bem como a qualificação de pessoas e de serviços oferecidos.

Em relação ao aspecto físico das pensões e dos hotéis, a arquitetura é uma característica marcante, servindo como provas da história e demonstrando que o turismo deve ser pensado e potencializado como um fator cultural e histórico que merece ser apreciado e valorizado.

Notas:

¹ Pessoas que vinham de outras regiões.

² Cidade situada no atual Estado de Mato Grosso do Sul.

³ Unidade do Exército.

⁴ A fonte é fidedigna, porém, não quis ser identificada para não causar constrangimentos.

⁵ Pessoas que viviam no mundo do crime.

⁶ É o nome dado àqueles construtores especializados em enfeitar as fachadas com **platibandas**, **cimalhas**, acabamento de telhado, colocação harmônica de portas e janelas.

Referências bibliográficas

A INAUGURAÇÃO do Hotel Concord. *Jornal Correio do Estado*, 25/26 ago. 1994. Caderno B.

ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. *Campo Grande arquitetura e urbanismo na década de 30*. Campo Grande: Uniderp, 2000.

ÁVILA, Vicente Fideles de. *Sugestão de roteiro comentado para projeto de pesquisa*. Campo Grande: UCDB, [s.d.].

CAMPO Grande – 100 anos de construção. Campo Grande: Matriz, 1999.

CAMPOS, Luiz Cláudio de A. Menescal; GONÇALVES, Maria Helena

- Barreto. *Introdução a turismo e hotelaria*. Rio de Janeiro: SENAC, 1998.
- CASTELLI, Geraldo. *Administração hoteleira*. 7. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. (Coleção Hotelaria).
- COLETÂNEA / Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer. Campo Grande: UFMS, 1999. (Arquivo Histórico de Campo Grande).
- CONTAR, Carlos Eduardo. *Resumo histórico de Campo Grande*. Campo Grande: Fundação Barbosa Rodrigues, 1980.
- DENCKER, Ada Freitas Maneti. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. 2. ed. São Paulo: Futura, 1998.
- DUARTE, Vladir Vieira. *Administração de sistemas hoteleiros*. Conceitos Básicos. São Paulo: SENAC, 1996.
- GIL, Carlos Antônio. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- HOTEL Gaspar. *Revista ARCA*, Revista de divulgação do arquivo histórico de Campo Grande-MS, n.7, Campo Grande, 2000.
- LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. *Turismo, teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 2000.
- MACHADO, Paulo Coelho. *A rua velha*. Campo Grande: [s.n., s.d.]. Vol. I. (Pelas ruas de Campo Grande).
- _____. *A rua principal*. Campo Grande: [s.n., s.d.]. Vol. II. (Pelas ruas de Campo Grande).
- _____. *A rua Barão*. Campo Grande: [s.n., s.d.]. Vol. III. (Pelas ruas de Campo Grande).
- _____. *A rua Alegre*. Campo Grande: [s.n., s.d.]. Vol. IV. (Pelas ruas de Campo Grande).
- _____. *A grande avenida*. Campo Grande: [s.n., s.d.]. Vol. V. (Pelas ruas de Campo Grande).
- MARINHO, Marcelo; NETTO, Paulo Renato Coelho. *Campo Grande – imagens de um século*. Campo Grande: UCDB, 1999.
- RODRIGUES, Barbosa J. *História de Campo Grande*. São Paulo: Resenha Tributária, 1980.
- RODRIGUES, Barbosa J. *História de Mato Grosso do Sul*. São Paulo: Editora do Escritor, 1984. Vol. 4.
- ROSA, Maria da Glória Sá. Deus quer o homem sonha a cidade nasce. Campo Grande 100 anos de história. Campo Grande: Funcesp, 1999.